

UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA,
DE MIA COUTO: VISÕES LÍRICAS DA MORTE

Dra. ÉRICA FERNANDES ALVES
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Maringá, Paraná, Brasil
efalves@uem.br

Dra. LUZIA APARECIDA BERLOFFA TOFALINI
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Maringá, Paraná, Brasil
luziatofalini@hotmail.com

RESUMO: Pressupondo que o romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do moçambicano Mia Couto, constitui uma modalização da vida e do destino humanos, e buscando expressar as angústias do sujeito, este estudo investiga a poetização do problema da morte. Há, no texto, um entrelaçamento das categorias narrativas com o lirismo porque só nesse encontro é que se torna possível mergulhar na parte mais profunda da subjetividade. Uma das fontes de angústia do ser humano é a sua ânsia pela busca de respostas acerca da ontologia do seu ser e da inexorabilidade da sua finitude. Assim, o objetivo consiste em demonstrar os modos pelos quais prosa e poesia se unem no processo de abordagem da morte.

Palavras-chave: Prosa. Poesia. Morte. Mia Couto.

Artigo recebido em: 26 jan. 2019.
Aceito em: 26 fev. 2019.

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA,
BY MIA COUTO: LYRICAL VIEWS OF DEATH

ABSTRACT: Assuming that the novel *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, by Mozambican author, Mia Couto, is a representation of human life and fate trying to express the subject's misery and anxieties, this paper analyzes the lyricism of death. The text presents an intertwining of narrative categories with lyricism because it is only in this encounter that it is possible to delve into the deepest part of one's subjectivity. One of the human sources of anguish is the eagerness to find answers for ontology and the inexorability of finitude. Thus, the aim of this paper is to demonstrate the ways in which prose and poetry unite in the process of approaching death.

Keywords: Prose. Poetry. Death. Mia Couto

INTRODUÇÃO

*Entre a vida e a morte há apenas o
simples fenômeno de uma subtil
transformação.*

Casimiro de Brito
em *Solidão imperfeita*

Permeado pelos recursos da poesia, tais como metáforas, metonímias, ousadas mórnicas, musicalidade, ritmo, rimas, elipses, além dos neologismos, o romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do escritor moçambicano Mia Couto, parte dos problemas enfrentados pela colônia e se ergue a ponto de universalizar o regional. Conforme Antonio Candido (1995, p. 171), “o drama das personagens há de ser universal em si; por nascer de inquietudes espirituais perenes ou de ‘situações’ históricas momentaneamente universalizadas”.

O teor crítico da literatura de Mia Couto evidencia-se no tratamento temático de questões relacionadas à identidade africana. A África, espaço privilegiado de sua narrativa lírica, não é mostrada a partir das dicotomias mais comuns, por exemplo, riqueza e pobreza, paraíso e inferno etc. A visão do continente como homogêneo é rejeitada, e as diferentes realidades que são

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

reunidas sob a nomenclatura de “África” são temas recorrentes de sua produção.

Em nível formal e estético, o escritor é conhecido por realizar um trabalho singular com a língua portuguesa, misturando elementos léxicos das línguas nativas de seu país ao português. A qualidade de um poeta que também escreve romances é visível em sua narrativa. Seu romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* pode ser caracterizado como um romance lírico. Ainda que o narrador parta de fatos aparentemente concretos, as categorias da narrativa, como personagens, espaço e tempo, são transfiguradas. A poesia flui em cada construção, procurando expressar toda a angústia das personagens. A linguagem poética constitui recurso de expressão quando a abrangência da prosa não dá conta de todo o abissal do sujeito.

A subjetividade do eu é a marca do lírico. De acordo com Hegel (*apud* MOISÉS, 2004, p. 261), o conteúdo principal da poesia lírica consiste na “maneira como a alma, com seus juízos subjetivos, alegrias e admirações, dores e sensações, toma consciência de si mesma”, afinal, “o que interessa antes de tudo é a expressão da subjetividade como tal, das disposições da alma e dos sentimentos, e não de um objeto exterior”.

Uma das grandes angústias do ser humano é gerada pela ânsia com que busca respostas para as indagações acerca dos mistérios da sua existência, desde a sua origem – quando ocupou um espaço no planeta –, até o encerramento de sua jornada no mundo, incluindo o problema da sua finitude configurado na morte. Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, a narrativa é construída sobre um acontecimento inexorável: a morte do avô Mariano. Hoje, segundo Elisabeth Kübler-Ross (1987, p. 17), a morte “constitui ainda um acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal, mesmo sabendo que podemos dominá-lo em vários níveis”. Nas sociedades primitivas, “Acreditava-se que a vida fosse indestrutível e que só cessaria através de um fenômeno não-natural, um acidente. Morria-se vítima da magia ou da feitiçaria de algum inimigo. O homem primitivo não entendia a morte naturalmente: ela era sempre provocada por alguém ou por alguma coisa” (CHIAVENATO, 1998, p. 13).

A ideia de morte remete para a questão do desejo de imortalidade que o homem tem desde que tomou consciência de que é um ser para a morte. A partir daí, vem empregando esforços no sentido de prolongar a vida. Eis por que “o conhecimento da mortalidade significa, ao mesmo tempo, o conhecimento da possibilidade da imortalidade” (BAUMAN, 1998, p. 191). No romance em questão, compreender a simbolização da morte implica também explicar e entender a vida, a História, o mundo. Quanto mais a personagem

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

protagonista amplia seu leque de compreensão, mais se afirma sobre o fenômeno da morte.

Publicado pela primeira vez em 2002, o romance evidencia tensão entre os habitantes nativos (aborígenes) e o homem pós-moderno. A concepção de sujeito pós-moderno encontra eco na crescente complexidade do mundo moderno. Quanto mais se descobre a complexidade do sujeito, mais se percebe que o núcleo interior desse sujeito não é autônomo, mas formado na relação de interação com as pessoas que o cercam, mediando valores, símbolos e sentidos em seu mundo (HALL, 2006).

Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, prosa e poesia entram em conluio para expressar as angústias da personagem frente à morte. Todavia, não se trata apenas de tornar esse espectro mais humanizado e aceitável, mas, e principalmente, de afirmar-se enquanto identidade. Para viabilizar o processo de investigação e análise, convocam-se estudos de Ralf Freedman, Octavio Paz e Edgar Morin, entre outros.

NARRATIVA ROMANESCA + POESIA LÍRICA = ROMANCE LÍRICO

Desde sua gênese, o romance vem destronando gêneros consagrados, como fez com a epopeia, e deixando claro que os gêneros não são puros, mas mesclados. No século XX, afirmou-se que se tratava de um gênero problemático (LUKÁCS, 2000) e chegou-se a questionar se o romance não estava morrendo (FEHÉR, 1972; SCHÜLER, 1989).

De acordo com Rosa Goulart (1990, p. 22) “o romance se *desviou* para outros domínios”. Essa ideia vem ao encontro do pensamento de Mikhail Bakhtin (1998, p. 397-398), para quem o romance está em constante devir; é “o único gênero por se constituir, e ainda inacabado”, e, por isso, não se pode ainda “[...] prever todas as suas possibilidades plásticas”. Embora o romance se tenha desviado, ele “não vive sem uma história e a história do romance não chega até nós senão através de um acto narrativo” (GOULART, 1990, p. 25). Segundo a estudiosa portuguesa, é ainda a narrativa o fio condutor do romance, mas não a narrativa nos moldes tradicionais. Trata-se de uma narrativa que sutenta a poesia.

Ao analisar o histórico do surgimento do romance, Watt (2010) argumenta que a nova forma literária do início do séc. XVIII surgira pela necessidade de a literatura expressar de forma mais realista a vida do homem, seus anseios e suas aspirações. São aproximadamente três séculos que separam o seu nascimento até o presente. O tempo e as mudanças sociais, históricas, culturais e econômicas, entre outras, são a base do

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

desenvolvimento do romance desde então. A partir do contexto da virada do século XIX para o século XX, a poesia adentrou o recinto romanesco e uniu-se com a prosa.

Octavio Paz, ao referir-se ao tratamento da linguagem no texto artístico-literário, afirma que

Na prosa a palavra tende a se identificar com um de seus possíveis significados, em detrimento de outros. [...] No poema a linguagem recupera sua originalidade primeira, [...]. A palavra, finalmente em liberdade, mostra todas as suas vísceras, todos os seus sentidos e alusões, como um fruto amadurecido ou como os fogos de artifício no momento em que explodem no céu. O poeta põe sua matéria em liberdade. O prosador a aprisiona. (PAZ, 2012, p. 30)

Tal união tornou-se necessária porque a simples narrativa não conseguia mais dar conta de representar a profundidade humana, especialmente o seu contingente de angústia. Ora, uma espécie literária que pretenda tomar da realidade o seu modelo e realizar, a partir daí, uma *transfiguração*¹, precisa ter complexidade suficiente para representação do seu modelo. Se, como afirma Watt (2010), o romance surge justamente para melhor expressar a realidade, é natural que, conforme se conhece mais do homem – o modelo –, mais transformações em nível de representação serão necessárias para mostrar o seu modelo.

Não se deve esquecer que a poesia pode espocar em meio à narrativa porque ela está na essência daquilo que é dito e não em determinadas formas. É notório que ela não depende do verso para existir. Todavia, para que um romance seja considerado lírico, é necessário que as categorias narrativas se entrelacem com os elementos da poesia lírica. Note-se que não basta que seja poesia. É preciso que seja poesia lírica, senão o resultado seria uma prosa poética e não uma prosa lírica. Ao se refletir, por exemplo, sobre os sentidos da frase *No bosque as folhas aplaudem alegremente o vento*, percebe-se que ela se encontra carregada de poesia. Todavia, embora esse período exale poesia, não possui lirismo porque falta nela a emoção do eu. Vale destacar que toda poesia lírica é poesia, mas nem toda poesia é poesia lírica.

Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do escritor moçambicano Mia Couto, prosa e poesia lírica estabelecem um conluio, fundindo-se de tal forma que se torna impossível dissociá-las sem que se

¹ Terminologia utilizada por Antonio Candido.

destrua o sentido original desses encontros. Transparecem as emoções do eu. É prosa e poesia ao mesmo tempo. É gênero híbrido. É romance lírico. Nos romances líricos,

O enredo rarefeito encontra correspondência na apregoada morte do romance, quando a arte de representação da realidade, marcada pelo narrador, na sua onisciência, vai sendo substituída por uma arte que questiona os seus próprios códigos, torna-se fragmentada, autorreflexiva, problemática e, de maneira especial, altamente liricizada. Essas transformações no campo estético refletem a desagregação de convenções artísticas e de valores éticos, políticos e religiosos do homem e da sociedade. (TOFALINI, 2013, p. 62)

Nessa espécie de romance, “as emoções, os sentimentos e as paixões do clima lírico impregnam-se no universo diegético, tornando indistintas as linhas divisórias entre os elementos. [...] os estados de alma rompem os limites entre o mundo exterior e o mundo interior” (TOFALINI, 2013, p. 60-61).

Em um estudo sobre a literatura do final do século XIX e aquela do século XX, Rosa Goullart (1997) afirma que a crise da narrativa é bastante relativa. Uma vez que a narrativa romanesca vem procurando acompanhar os passos do homem. Não se deve confundir a crise do homem com a crise do romance: “O pessimismo agudo e o patético que na literatura finissecular se fazem notar estão ainda longe da angústia e do ‘sentimento trágico da vida’ que tocam o âmago do homem do século XX e que o romance do mesmo século abundantemente expressa” (GOULART, 1997, p. 23). A autora ressalta, na página vinte e quatro, que o que houve foi uma “aventura da escrita”, procurando trazer à tona os grandes problemas da existência, o mais íntimo do ser humano.

No entender de Donald Schüler (1989), a apregoada morte do romance não significa seu desaparecimento, mas um processo transformacional. Na verdade, o romance vem desnudando algumas tendências que estão encobertas e deixando para trás tudo aquilo que não é mais pertinente na sociedade atual. Schüler (1989, p. 9), na esteira de Carlos Fuentes, afirma: “Morto não está o romance, mas a forma burguesa de narrar”. Se tal forma está morta, então é necessário se pensar outras possibilidades. Para Schüler (1989, p. 9), “O romance está morrendo e deve continuar a morrer. Um gênero que perdeu a capacidade de morrer é que realmente está morto. [...] Alimentando-se de suas muitas mortes, é que o romance se mantém vivo”.

Os aspectos mortos do gênero são geradores do nascimento de outras tantas inovações. Basta pensar no romance-folhetim, no romance histórico, no romance de formação, no romance realista, no romance lírico etc. Pode-se

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

afirmar que a narrativa romanesca tem renascido como uma espécie de fênix. Mais ainda, nas palavras de Rosa Goulart (1997, p. 24), “nunca o romance, gênero narrativo sobre o qual de há muito impele sentença de morte, foi tão longe sua maturidade”.

O romance é amparado na prosa, porém, no momento em que a narrativa falha em narrar aquilo do qual não se pode prescindir, então,

[...] o modo lírico intervém, acrescentando ao narrativo o que é do domínio da intensidade emocional, da subtileza enunciativa, da metafóricidade, da polissemia ao mais alto nível, da construção de uma expressão artística musical que sugira o que não pode dizer directamente, nomeie o inominável e persiga mesmo o Absoluto. (GOULART, 1997, p. 20)

A poesia adentra o recinto romanesco e se une de tal modo à narrativa que sua presença se torna indispensável. O romance, agora lírico, pode, então, abrir-se aos sentidos do dizer. É assim que, conforme Ralf Freedman (1972, p. 13), “o romance lírico assume uma forma original que transcende o movimento causal e temporal da narrativa dentro dos lineamentos da ficção. É um gênero híbrido que utiliza o romance para aproximar-se da função do poema”. O papel fundamental da poesia lírica ao enlaçar-se com a prosa romanesca consiste em possibilitar a eclosão das vozes que habitam a profundidade do eu e, dessa forma, dar vazão aos conteúdos subjetivos.

Para Rosa Goulart (1997, p. 25), o romance lírico é capaz de plasmar “um mundo onde o real supostamente acontecido importa menos do que o irreal onde o homem encontra refúgio contra a fragmentaridade, a estrutura labiríntica ou a disforia do mundo em que se move”. A junção da narrativa com a poesia gera uma série de novos posicionamentos dentro do romance, seja nas categorias da narrativa – narrador, tempo, espaço, personagem – seja em relação aos temas abordados pelas obras, como é o caso aqui da temática da morte e dos modos como ela se encontra *liricizada* no texto.

O PROBLEMA DA MORTE DE DITO MARIANO

A história de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* gira em torno de Marianinho, o protagonista-narrador que relata sua volta à ilha de Luar-do-Chão, devido à morte de seu avô Dito Mariano. Ao adentrar o espaço simbólico dessa ilha, Marianinho vai, aos poucos, desvendando os mistérios daquela terra, de sua família e de seu próprio nascimento. A poesia aflora desde o primeiro capítulo do romance, ou ainda melhor, desde o título e as

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

epígrafes que prenunciam o conteúdo de cada capítulo e seu tom. A primeira epígrafe faz referência à confusão que se instaura no início do romance, evidenciando seu tema: o avô Mariano está realmente morto?

Encheram a terra de fronteiras,
carregaram o céu de bandeiras.
Mas só há duas nações – a dos vivos e a dos mortos.

Juca Sabão (COUTO, 2003, p. 14)

Juca Sabão é uma das personagens do romance e, do mesmo modo, outras falas de outras personagens são utilizadas nas epígrafes dos capítulos, revelando a cultura, o modo de pensar e a tradição das personagens do romance. Como se percebe nessa epígrafe, a morte e a vida são duas instâncias, por assim dizer, que permeiam a temática do romance. A metáfora que embeleza a epígrafe é facilmente percebida. A morte será o fio condutor da narrativa e ela é retratada por meio de uma linguagem poetizada, simbólica e carregada de subjetividade. Quando o narrador, pela primeira vez, fala da morte, é para tentar conceituá-la de modo poético:

A morte é como o umbigo: o quanto nela existe é a sua cicatriz, a lembrança de uma anterior existência. A bordo do barco que me leva à Ilha de Luar-do-Chão não é senão a morte que me vai ditando suas ordens. Por motivo de falecimento, abandono a cidade e faço a viagem: vou ao enterro de meu Avô Dito Mariano. (COUTO, 2003, p. 15)

São detectáveis alguns recursos poéticos no excerto. Em primeiro lugar aparece o símile, a comparação da morte com o umbigo. Depois, a metáfora da cicatriz da morte. É a morte que conduz o protagonista, ditando-lhe ordens. Aí está a prosopopeia, a personificação. A morte é tida como dolorosa no romance, entretanto, é também vista como necessária para que haja continuidade dos valores daquela sociedade. O avô, embora esteja aparentemente morto, simboliza a constante lembrança de sua presença marcante: “Cruzo o rio, é já quase noite. Vejo esse poente como o desbotar do último sol [...] depois deste poente não haverá mais dia. [...] A ausente permanência de quem morreu. No Avô Mariano confirmo: morto amado nunca mais pára de morrer (COUTO, 2003, p. 15). Ora, sol não desbota. Aí está uma alusão à inexorabilidade da morte. Trata-se de eufemismo.

O falecimento do avô, muito querido para Marianinho, será sentido em seu interior como ele aponta nessa passagem, mas ao mesmo tempo, Marianinho percebe, mais adiante, que o avô tem muito a lhe confidenciar

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

antes de partir definitivamente – pois o avô não está totalmente morto –, ele só irá abandonar o neto/filho quando os segredos envolvendo a família estiverem todos desvendados. Para revelá-los o avô escreve cartas a Marianinho, mas com caligrafia idêntica à sua – fato que conota a ideia de que avô e neto são a mesma pessoa. Nas cartas, o rapaz depara-se com a questão central do romance: a dualidade vida/morte e a necessidade de renovação:

Você não veio a esta Ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver. (COUTO, 2003, p. 66)

Embora a história gire em torno da morte e a não-morte do avô de Marianinho, existem várias outras mortes que vão sendo reveladas e comentadas no romance por meio do encontro de Marianinho com outras personagens e, principalmente, por meio das cartas que recebe. Alguns desses falecimentos são extremamente simbólicos, como é o caso do próprio Avô Mariano, de Mariavilhosa, a mãe de Marianinho e da própria ilha de Luar-do-Chão. Outras mortes – como o caso de Juca Sabão, assassinado por traficantes, e de um grupo de pessoas que atravessava o rio em uma embarcação – são mais realistas, mas, do mesmo modo, guardam certa simbologia que auxilia na construção lírica do romance.

A organização do texto é guiada inicialmente pela morte/não-morte do Avô Mariano, mas aos poucos, o leitor percebe que os fatos são encadeados por outras mortes que geram novas descobertas para o protagonista-narrador. Edgar Morin (1970) explica que, de fato, a morte é necessária e a sociedade se constitui e se desenvolve em face a ela. Para o estudioso,

[..] a sociedade funciona não apenas apesar da morte e contra a morte (nomeadamente segregando uma formidável neguentropia imaginária em que a morte é negada e recalçada), mas também que só existe enquanto organização, pela morte, com a morte e na morte. A existência da cultura, isto é, dum patrimônio colectivo de saberes (saber fazer, normas, regras organizacionais, etc.) só tem sentido porque as gerações morrem e é constantemente preciso transmiti-la às novas gerações. Só tem sentido como reprodução, e este termo assume o seu sentido pleno em função da morte. (MORIN, 1970, p. 10-11)

No final do romance, Marianinho tem a noção de que a morte nada mais é que um recomeço e que ele será a continuação de seu avô. Na última carta

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

de seu avô, a ideia de recomeço é instaurada: “Eu apenas estou usando a morte para viver” (COUTO, 2003, p. 260). A metáfora extremamente lírica é esclarecida quando o leitor percebe que ao longo das cartas e dos segredos revelados, Marianinho retorna às suas origens e tradições e rememora seu passado esquecido. O sentido da morte é simbolicamente representado pela nova vida do protagonista. Edgar Morin (1970, p. 11) explica que “o caminho da morte deve levar-nos mais fundo na vida, como o caminho da vida deve nos levar mais fundo na morte”. Marianinho vê a vida com outros olhos depois da experiência de morte do avô e, em consequência disso, também é capaz de encarar a vida também com outro olhar. A morte deixa de ser apenas o fim. Ela se configura então como renovação.

Para Martin Heidegger (1993, *apud* PERGORARO, 1979), é a angústia diante do acontecimento inexorável da morte, como finitude do *Dasein* (o *ser-aí* ou o ser da *pre-sença*), que intensifica a vida, fazendo com que o sujeito encare o seu existir com maior gravidade. Embora a angústia mencionada por Heidegger não seja para todos, porque nem todos chegarão à plena consciência da morte, muitos se darão conta dela e serão relançados na existência para fazer aí o melhor em cada instante. Tais sujeitos antecipam sua morte, refletindo sobre ela, e procuram viver a sua vida com *autenticidade*, porque “O ser-aí é sobretudo finitude angustiante. [...] A autenticidade do ser-aí é a determinação do ser” (PERGORARO, 1979, p. 34).

Em previsão da morte, até as personagens de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* passam a viver de modo mais autêntico. O avô, Dito Mariano, sente necessidade de esclarecer seus segredos para partir em paz. Trata-se, todavia, de uma morte simbólica, uma vez que Marianinho e Dito Mariano, embora sejam avô e neto, constituem uma unidade. De um lado estão as tradições daquele povoado (Dito Mariano) e, de outro, a contemporaneidade, o futuro (Marianinho).

Quando Marianinho tira o véu que recobre seu passado e esconde suas memórias, descobre sua identidade. O “avô” pode, então, partir: “Com essa estrela já morta que ainda vemos por atraso de luz. Dentro de mim, até já esse brilho esmoreceu. Agora, estou autorizado a ser noite” (COUTO, 2013, p. 238). Eis aí um exemplo de prosa *liricizada*. Símbolos (estrela morta), Metáforas (vida = brilho, morte = noite), aflautamentos (repetição das letras m e n), aliteraões (repetição da letra t, por exemplo) concorrem no sentido de poetizar a referência à morte. Trata-se de lirismo, uma vez que o “eu” se faz presente (“Dentro de mim, até já esse brilho esmoreceu”). É no encontro da prosa com a poesia que se torna possível a expressão de sensações, emoções e sentimentos que as palavras comuns não dão conta de traduzir.

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mía Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

Ao enterrar o avô, a terra, que antes se encontrava arredia e se negava a conceber, se abre e a chuva volta a cair. Marianinho também reconhece o significado de todos aqueles acontecimentos e reflete sobre tudo o que houve. Essa reflexão eleva sua consciência e ele se vê mais próximo das tradições de sua terra natal. Ao se deparar com a morte, Marianinho descobre segredos que estavam escondidos e, ao desvendá-los, retorna à sua existência de modo transformado. É, portanto, relançado na existência:

O ser-aí tem em si próprio a possibilidade de sentir-se diante da morte, como possibilidade de si mesmo. O fim enquanto fim de meu próprio ser-aí, não é uma coisa (Was), mas um modo (Wie), e o modo autêntico de minha existência. Ter sempre sua própria morte em si mesmo significa a antecipação do ser-aí. (PEGORARO, 1979, p. 34)

Para a personagem Marianinho, a reflexão sobre a morte revoluciona a sua existência. Ele é insuflado de vida quando rememora os segredos do passado de Luar-do-Chão. A última carta que recebe do eu-avô condensa todas as ideias relacionadas ao viver. É altamente lírica, embora seja narrativa: “Há um rio que nasce dentro de nós, corre por dentro da casa e desagua não no mar, mas na terra. Esse rio uns chamam de vida” (COUTO, 2003, p. 258). Rios não nascem dentro de pessoas. Essa assertiva só pode ser aceita quando se compreende que não se está falando aqui de rio, mas de vida. O rio sempre foi símbolo da vida. A casa, por onde corre o rio da vida é a parte mais abissal do sujeito. O corpo é a casa do ser. O inusitado, no fragmento, é que o rio não desagua no mar, mas na terra. Ora, se a vida é rio e se esse rio desagua na terra, encontra-se aí uma alusão clara à morte (ao enterro). A imagem pode ser definida como “signo que incorpora diversos códigos e sua leitura demanda o conhecimento e compreensão desses códigos” (SARDELICH, 2006, p. 206). Abundam as imagens no romance de Mia Couto. São os discursos que provocam a imaginação dando origem às imagens. Trata-se de um discurso metafórico, no qual narrativa e poesia se unem para estabelecer conluios com as imagens.

Uma imagem importante está configurada na sala sem telhado. O avô está sendo velado e, enquanto Marianinho não assume a responsabilidade de ser o mentor, a casa permanece sem telhado, sem proteção. O período em que o Avô Dito Mariano se encontra em estado de “quase-morte” é fundamental para que a formação histórico-memorialista de Marianinho seja reavivada e para que ele descubra sua função ao voltar para a ilha onde nasceu. Até que todos os segredos do passado sejam descobertos, o jovem passa por um estado

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

de angústia muito grande e vai aos poucos conhecendo a angústia de alguns familiares e alguns habitantes de Luar-do-Chão.

Marianinho é escolhido pelo eu-avô para dar continuidade às tradições um tanto quanto esquecidas pelas pessoas de Luar-do-Chão e ao se submeter a realizar essa tarefa – reviver o passado e repensar sua conduta enquanto filho daquela ilha –, assume uma responsabilidade que afetará o destino de sua terra e de seu povo. Todavia, ao assumir a responsabilidade de condução do povo do Luar-do-Chão, torna-se responsável não apenas por suas ações e pelo seu povo, mas pela própria humanidade.

No final do romance, o Tio Último expressa o desejo de tomar posse de tudo o que fora de Dito Mariano, mas Marianinho segue os desejos do eu-avô e toma a decisão de impedir o tio de qualquer maneira, dando continuidade ao que fora instituído no mito originário de sua família. Tal decisão transforma o futuro daquela família e daquela ilha:

- Vai sair, Tio?

- Vou. Mas volto logo para tratar da compra de Nyumba-Kaya.

- O Tio não entendeu que não pode comprar a casa velha?

- Pois, escute bem, eu vou comprar com meu dinheiro. Essa casa vai ser minha.

- Essa casa nunca será sua, Tio Último.

- Ai não?! E porquê, posso saber?

- *Porque essa casa sou eu mesmo.* O senhor vai ter que me comprar a mim para ganhar posse da casa. E para isso, Tio Último, para isso nenhum dinheiro é bastante.

[...]

- Você pensa que somos a geração da traição. Pois você verá a geração que se segue. Eu sei o que estou a falar...

- Isso que chama de geração, eu também sou dessa geração (COUTO, 2003, p. 249 – grifo nosso).

A frase, dita por Marianinho, reúne todas as tradições, anseios e esperanças de uma geração, de um povo. Se Marianinho é a casa (atente-se para essa metáfora que transfigura o espaço do romance, um dos elementos distintivos do romance lírico), então nele se condensa toda a história da sua própria família, inclusive as mortes ocorridas.

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mía Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

OUTRAS MORTES EM LUAR-DO CHÃO

O narrador tem uma história para contar e, de acordo com Rosa Goulart (1990, p. 44), “o seu objetivo não é única e exclusivamente a narração. Poder-se-á inferir, das informações textuais, que ela é também o *pretexto* para o autoconhecimento da personagem”. O narrador-protagonista que, aliás, narra em primeira pessoa, vai se revelando lentamente em meio ao discurso narrativo-lírico. Marianinho acaba por descobrir que ele é o próprio avô a vasculhar o seu próprio íntimo à procura de respostas para suas dúvidas.

As mortes ocorridas na família são explicadas ao protagonista por meio de histórias contadas pelo eu-Avô Dito Mariano. Em todas elas, o tom lírico é visível, porque a poesia espalhada na narrativa consegue dar vazão aos conteúdos da interioridade do ser. Aquilo que não pode ser dito de forma direta pela prosa é dito pela poesia que aflora em cada uma das cartas. A poesia nesse romance moçambicano se parece com a água que se choca com as rochas no mar, embora cercada por obstruções, consegue trilhar seu caminho por entre as mínimas passagens existentes e alcançar seu destino.

Ligado aos temas da morte e da regeneração está o tema da angústia, da vida pessoal, de cada personagem de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Mariavilhosa, por exemplo, representa tanto a morte como a angústia característica do ser humano.

A história da mãe de Marianinho lhe é revelada após o eu-avô lhe pedir que investigue a vida de Fulano Malta, seu pai. Marianinho, mais do que depressa se põe a pensar sobre o passado e os acontecimentos que fizeram com que seu pai se tornasse um homem amargo. Em uma conversa com a Avó Dulcineusa, Marianinho descobre que a mãe não havia de fato “morrido”:

- É verdade que minha mãe morreu afogada?

Afogada era modo de dizer. Ela suicidara-se, então? A Avó escolhe cuidadosamente as palavras. Não era suicídio, também. O que ela fez, uma certa tarde, foi desatar a entrar pelo rio até desaparecer, engolida pela corrente. Morrerá? Duvidava-se. Talvez se tivesse transformado nesses espíritos da água que, anos depois, reaparecem com poderes sobre os viventes. Até porque houve quem testemunhasse que, naquela derradeira tarde, à medida que ia submergindo, Mariavilhosa se ia convertendo em água. Quando entrou no rio seu corpo já era água. E nada mais senão água. [...]

- Água é o que ela era, meu neto. Sua mãe é rio, está correndo por aí, nessas ondas. (COUTO, 2003, p. 105)

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

A essa altura, o texto extrapola o regional e se direciona para o universal. Mariavilhosa simboliza, poeticamente, toda Moçambique ou até mesmo a própria África. Quando jovem, teria sido estuprada por um português, ficando grávida de um filho seu. Para não ter a criança, fez um aborto e se tornou estéril, passando o resto de sua vida com a angústia de não poder gerar filhos por causa dessa violação. Mariavilhosa é símbolo da posse violenta da terra africana pelo homem branco. A África jamais foi a mesma após ter sido invadida.

Todavia, Marianinho desconhecia que sua progenitora não é Mariavilhosa, mas a Tia Admirança e que seu pai não é Fulano Malta, mas aquele que ele conheceu a vida toda por avô. Dito Mariano teria se apaixonado pela cunhada e engravidado-a. Para não revelar o segredo, ele pediu a Mariavilhosa que fingisse estar grávida e, quando o bebê nasceu, ela o adotou como se fosse seu. Algum tempo depois, a moça engravidou de verdade, mas o bebê nasceu sem vida. A tristeza foi tanta que Mariavilhosa se deixou levar pelo rio e morreu afogada. A frase: “Transportava muita tristeza para se manter flutuando” (COUTO, 2003, p. 231) constitui uma espécie de justificativa do seu suicídio. Essa frase se encontra perpassada de poesia. A conotação dos vocábulos sugere diversos sentidos. Primeiro, a ideia de transporte, porque aonde o sujeito vai, carrega suas dores. Depois, entende-se que a tristeza pesa, tornando impossível o ato de boiar, de flutuar. Além disso, a personagem flutua onde? A própria grande metáfora da obra responde: no rio da vida.

Ao rememorar a cada dia sua incapacidade de ter filhos devido ao estupro, Mariavilhosa perdeu sua vontade de viver. A tristeza da personagem pode ser entendida como “a expressão por excelência do sentimento da situação” ou seja, “a angústia está fundada no êxtase do passado” (PEGORARO, 1979, p. 47). Tal tristeza se tornou cada vez mais profunda a ponto de a personagem tirar a própria vida. O suicídio afigura-se como a melhor saída. Sigmund Freud (2010, p. 172-173) nomeia esse estado como melancolia e define-a como “um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição”.

Outra morte na ilha de Luar-do-Chão causa angústia no Avô Mariano. Trata-se da morte do amigo Juca Sabão. No capítulo 13, sob o título “Uns pós muito brancos”, o texto dá ênfase ao crime de tráfico de drogas que culminou na morte do inocente Juca Sabão. Quando alguns sacos com um pó branco que “trariam a riqueza para a terra de Luar-do-Chão” (COUTO, 2003, p. 171)

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

são deixados em sua casa, ele, juntamente com Dito Mariano, resolve espalhar seu conteúdo no solo. Por conta disso, Juca Sabão é assassinado cruelmente por traficantes de drogas. Sua morte é descrita de forma poética por Dito Mariano:

Mas o que eu invejo em Sabão não é coisa que ele possuísse mas o modo como ele morreu. Meu amigo levou em sua mão a devida porção de terra. Me compreende? Juca não esperou que os outros lhe atirassem os torrões. Ele mesmo lançou o primeiro punhado de areia sobre seu corpo. (COUTO, 2003, p. 173)

A terra natal é de tal maneira importante para o nativo que, mesmo na agonia derradeira, ele se lembra de jogar sobre si mesmo, como se fosse uma mortalha, a areia que lhe serviu de chão durante a vida. A morte de Juca Sabão culmina de certo modo com a morte da terra de Luar-do-Chão. Dito Mariano comenta em uma de suas cartas que “Ao enterrarmos Juca estávamos deitando indevido osso no ventre da terra. Não tardaria que o chão nos punisse a todos” (COUTO, 2003, p. 173). Essa fala significa que a morte de Juca Sabão ocorreu porque ele pensou, em primeiro lugar, na sua terra e no modo como esta ficou descontente pela falta de justiça.

Aliada à morte de Juca Sabão e à de Luar-do-Chão encontra-se referência à morte dos viajantes que atravessaram o Rio Madzimi no barco Vasco da Gama (alusão à colonização portuguesa), tragédia essa que deixou um único sobrevivente, um burro. Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, a culpa é atribuída à ganância do ocidente:

Fazia [o barco] ligação com a cidade e, como sempre, ia sobrecarregado de gente e mercadoria. A ambição dos novos proprietários, todos reconheciam a meia voz, estava na origem do ocidente. Sabia-se o nome dos culpados mas, ao contrário das letras verdes no casco, a identidade dessa gente permanecia oculta por baixo do medo. (COUTO, 2003, p. 99)

Percebe-se a personificação do medo, capaz aqui de ocultar a identidade das pessoas. Trata-se de uma morte coletiva pela influência dos valores e desejos dos homens brancos, não pertencentes àquela sociedade, mas que a adentravam para tirar proveito do que ela poderia lhes proporcionar. De fato, há várias passagens no livro que lembram os problemas trazidos pela chegada do ocidente em Luar-do-Chão, metonimicamente representando o solo africano. Em determinado momento, o narrador, após falar com o padre sobre a tragédia do navio, infere: “A nossa ilha está imitando o Avô Mariano,

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

morrendo junto a nós, decompondo-se perante o nosso desarmado assombro” (COUTO, 2003, p. 92-93). Aos poucos, o problema da colonização é colocado para o leitor de modo a fazê-lo pensar nas consequências deixadas pela invasão, tais como a perda de uma identidade verdadeiramente africana, existente antes da chegada do branco, e como as muitas vidas ceifadas.

A presença dos valores ocidentais leva à morte da identidade original daquele povo. O coveiro da ilha, Curozero, personifica a terra, mostrando que assim como o gênero humano, ela também morre.

- Não sabe? A terra morre como a pessoa.

O que se passava era, afinal, bem simples: a terra falecera. Como o corpo que se resume a esqueleto, também a terra se reduzira a ossatura. Já sem ombro, só omoplata. Já sem grão, nem poeira. Apenas magma espesso, caroço frio. (COUTO, 2003, p. 182)

O narrador só consegue explicar a morte da terra por meio de recursos poéticos, como é o caso da personificação. A imagem superposta da terra sobre a figura do homem nativo resulta em uma representação poética da unidade homem/solo. Ralf Freedman (1971, p. 19), discorrendo sobre o poder e a função que a imagem exerce na narrativa, explica: “O leitor se acerca da lírica da mesma forma que um expectador observa um quadro: vê detalhes complexos justapostos e os experimenta como um todo”. De fato, a poesia transforma o significado imanente das palavras em outras ideias que não aquelas fixas pelo uso histórico. Nesse sentido, Octavio Paz (2012, p. 31) argumenta que “o fato de serem imagens faz as palavras, sem deixar de ser elas mesmas, transcenderem a linguagem enquanto sistema dado de significações históricas”.

Ao analisar as imagens, personificações e metáforas que o autor utiliza para falar de Luar-do-Chão, é possível compreender que a ilha mítica – pois não existe, de fato – representa o continente africano que está aos poucos perdendo sua identidade com a inserção dos valores ocidentais e o esquecimento dos valores primordiais. Em uma de suas últimas cartas, o Avô Mariano constata essa ideia:

Esta terra começou a morrer no momento em que começámos a querer ser outros, de outra existência, de outro lugar. Luar-do-Chão morreu quando os que a governaram deixaram de a amar. Mas a terra não morre, nem o rio se suspende. Deixe, o chão voltará a abrir quando eu entrar, sereno, na minha morte. (COUTO, 2003, p. 195)

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

A personificação da terra que morre é contradita logo a seguir: “terra não morre”. Todavia, o que importa de verdade, não é se ela morre ou não, mas o fato de que quando o Avô revela todos os segredos a Marianinho, a terra se abre e o Avô simbólico – *alter ego* de Marianinho – já pode partir. Nesse momento, Marianinho, representando a modernidade, e seu *alter ego*, representando as tradições, unem-se em um ser só e, por isso, os valores tradicionais já não mais morrerão:

[...] Sim você é a água que me prossegue, onda sucedida em onda, na corrente do viver.

Já passou o meu momento. Você está aqui, a casa está sossegada, a família está aprontada. [...] Já sou um falecido inteiro, sem peso de mentira, sem culpa de falsidade. (COUTO, 2003, p. 238)

Água, onda e corrente são palavras carregadas de sentido, altamente simbólicas, poéticas. A terra revive e aceita o enterro simbólico de Dito Mariano: “Seu Avô está abrindo os ventos. A chuva está solta, a terra vai *conceber*” (COUTO, 2003, p. 240, grifo nosso). Na continuidade da narrativa, a terra é vista como uma mulher que vai gerar filhos. A morte é vencida.

A COSMOGONIA AFRICANA

Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra é um exemplo de modalização da morte inserida no contexto cultural de Moçambique. Na cosmogonia africana, a morte não é mais que uma proposta de renovação, ou seja, um processo cíclico no qual sem a morte a vida ficaria impossibilitada de ressurgir. Mircea Eliade (1979, p. 55) explica que: “Deus dotou o homem de alma, enquanto a terra forneceu-lhe corpo. Com a morte, os dois elementos voltam a desintegrar: o corpo volta a terra, e a alma retorna ao seu auto celestial”. Nesse sentido, Munanga (2007, p. 10) afirma que “o africano vive em familiaridade com a morte, e a morte individual é apenas um momento do círculo vital que não prejudica a continuidade da vida”. A visão da morte difere, portanto, de outras visões. Embora ela seja também fonte de sofrimentos, não se configura, no romance em questão, como finitude, mas como um passo para outra vida:

A palavra que usara? Plantar. Diz-se assim na língua de Luar-do-Chão. Não é enterrar. É plantar o defunto. Porque morto é coisa viva. E o túmulo do chefe

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

da família como é chamado? De yindlhu, casa. Exatamente as mesmas palavras que designam a moradia dos vivos. Talvez por isso não seja grande a diferença entre o Avô Mariano estar agora todo ou parcialmente falecido. (COUTO, 2003, p. 86)

A constatação é de que a morte representa a cosmogonia africana, na qual o homem está sempre fadado a renascer. O uso da palavra “plantar” sugere a ideia do eterno retorno, do renascimento, do ciclo eterno da vida. Na verdade, o homem se insere em uma atmosfera muito maior do que aquela que pensa habitar e fazer parte. Em uma das cartas, o eu-avô comenta que “cada homem é todos os outros. São também os já transferidos, os nossos mortos. Os vivos são as vozes, os outros são os ecos” (COUTO, 2003, p. 56). Aí está a ideia de universalidade, a noção de macrocosmo. Afinal, a morte e a vida são interdependentes e necessárias uma à outra.

Quando o avô é enfim, simbolicamente, enterrado, Marianinho retorna para a casa da família, a qual estava sem o telhado durante o tempo de transição entre a vida e a morte de Dito Mariano. Ao chegar em casa, percebe que o telhado foi totalmente reconstruído, sugerindo a ideia de que o mundo agora estava reconstruído e sua identidade encontrada. Mircea Eliade (1992, p. 77, grifo nosso) afirma que a construção de casas faz parte de uma ideia mítica de recomeço ou renovação: “Para que o homem moderno com sua sensibilidade permeável ao milagre pudesse sentir a experiência da *renovação* bastaria que construísse uma casa nova ou que nela entrasse”. Ao adentrar a casa, Marianinho perpetua a noção de cosmogonia, de retorno ao mito original, apagando os erros do avô no passado e renovando a vida. Eliade complementa:

Porque o cosmos e o homem se regeneram constantemente e por todos os meios, o passado é consumado, os males e os pecados eliminados, etc. Múltiplos nas suas formas, todos estes instrumentos de renovação tendem para o mesmo objetivo: anular o tempo passado, abolir a história através de um retorno contínuo *in illo tempore*, pela repetição do acto cosmogônico. (ELIADE, 1992, p. 80)

A regeneração só é possível quando os mistérios do avô e seus erros vêm à tona e são apagados, dando início a uma espécie de nova vida, de recomeço na ilha de Luar-de-Chão. A morte cumpre um papel fundamental

nessa regeneração. É ela a responsável por apagar e eliminar os erros do passado e dar início a um novo ciclo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da morte em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* é compreendido como uma passagem para uma outra vida, uma espécie de renovação. Na cultura africana, a morte é entendida apenas como uma parte do ciclo da existência do homem, demonstrando a crença em uma cosmogonia.

Ao se deparar com as várias mortes descritas no romance, o protagonista é capaz de reavaliar a sua conduta e repensar os valores esquecidos pelo tempo. A reorganização de seu passado e a da história local fazem Marianinho perceber a relevância de se manter a tradição, o mito original criador de sua nação e de seus costumes.

Chegar tão perto dos mistérios da morte só foi possível devido à presença da poesia lírica que invadiu a narrativa romanesca. A essa altura, pode-se reiterar que os gêneros, de fato, não possuem uma rigidez como se supunha, sendo possível o entrelaçamento da prosa com a poesia. Surge daí novas formas literárias híbridas, como é o caso do romance lírico. Quando há poesia comum em um texto em prosa, afirma-se que é uma prosa poética, mas quando essa poesia expressa no texto expõe os sentimentos e emoções do eu, pode-se então afirmar que é uma prosa lírica. A linguagem poético-lírica, presente no texto, atesta que, em um determinado momento, a prosa deixou-se seduzir pela poesia e o lirismo tomou conta do romance. No romance de Mia Couto, *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, prosa e poesia abraçam-se e *liricizam* as categorias narrativas.

A necessidade do lirismo constitui uma exigência do conteúdo expresso no texto, de caráter totalmente subjetivo. É somente por meio da poesia, e poesia lírica, que as angústias humanas conseguem ser sugeridas e espalhadas no discurso. No jogo de construção/(des)construção da identidade do narrador-personagem, a poesia lírica tem papel importantíssimo. Ao utilizar-se dos inúmeros recursos da poesia, Marianinho consegue externar seus mais íntimos conteúdos e sugerir toda a sua subjetividade. Assim, expondo o que há de mais profundo em seu ser, vai construindo a sua própria identidade.

A morte figura no topo de todos os grandes problemas da condição humana. Ao se referir a ela, usam-se metáforas, devido à dificuldade de se colocar em palavras comuns a extrema angústia gerada pela consciência dela:

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

“fala-se dela como de um sono, de uma viagem, de um nascimento, de uma doença, de um acidente, de um malefício, de uma entrada para a morada dos antepassados, e, o mais das vezes, de tudo isto ao mesmo tempo” (MORIN, 1988, p. 25).

Desse modo, e a partir da valorização da produção literária como expressão individual, delineia-se uma verdadeira revolução no conceito de poesia: a poesia não depende do verso, mas está na essência daquilo que é dito. Por consequência, ocorre também uma revolução na expressão do tema da morte. A poesia não apenas suaviza esse espectro como também se configura como instrumento de humanização da morte.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAKHTIN, M. M. *Questões de estética e de literatura: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et. al. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1998.

CANDIDO, A. A personagem do romance. In: *A personagem de ficção*. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

CHIAVENATO, J. J. *A morte: uma abordagem sociocultural*. São Paulo: Moderna, 1998.

COUTO, M. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ELIADE, M. *Ocultismo, bruxaria e correntes culturais: ensaios sobre religiões comparadas*. Tradução de Noeme da Piedade Lima Kingl. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

_____. *O mito do eterno retorno*. Tradução de José Antonio Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

FEHÉR, F. *O romance está morrendo?* Tradução Eduardo Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

FREEDMAN, R. *La novela lírica: Herman Hesse, André Gide Y Virginia Woolf*. Barcelona: Barral Editores S.A., 1972.

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

FREUD, S. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: *Obras completas* volume 12: Introdução Ao Narcisismo, Ensaio De Metapsicologia E Outros Textos (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

GOULART, R. M. *Romance lírico: O percurso de Vergílio Ferreira*. Lisboa: Bertrand, 1990.

_____. *O trabalho da prosa: Narrativa. Ensaio. Epistemologia*. Braga/Coimbra: Angelus Novus, 1997.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. 3. ed. Trad. Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes. 1987.

LUKÁCS, G. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.

MOISÉS M, *Dicionário de termos literários*. 12. ed. Revista e ampliada. São Paulo: Cultrix, 2004.

MORIN, E. *O homem e a morte*. Tradução de João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. 2 ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.

MUNANGA, K. *Entrelivros/Africa*. São Paulo: Abril, 2007.

PAZ, O. *O arco e a lira*. São Paulo, Cosac Naify, 2012.

PEGORARO, O. A. *Relatividade dos modelos: ensaios filosóficos*. Petrópolis: Vozes, 1979.

SARDELICH, M. E. Leitura de imagens e cultura visual: desenredando conceitos para a prática educativa. In: *Educar em Revista*. ISSN 1984-0411. Nº. 27. Jan./Jun. Curitiba (PR). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000100013> acesso: set. 2018.

SCHÜLER, D. *Teoria do romance*. São Paulo: Ática, 1989.

TOFALINI, L. A. B.. *Romance lírico: o processo de lyricização do romance de Raul Brandão*. Maringá: EDUEM, 2013.

WATT, I. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ALVES, Érica Fernandes; TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto: visões líricas da morte. *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 1 (2019), p. 186-207.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 07 jun. 2019.

ÉRICA FERNANDES ALVES é mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM – 2010) e doutora em Letras pela mesma universidade (UEM – 2016). É professora adjunta da Universidade Estadual de Maringá, atuando como professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Letras, na linha de Literatura e Identidades. Dentre suas publicações estão o capítulo de livro "Racismo, diáspora e abertura ao multiculturalismo em *Small Island* (2004) e *Fruit of the Lemon* (1999)" (*Multiculturalismo e diferença: narrativas do sujeito na literatura negra britânica e em outras literaturas*, 2011), "A Ideologia de pertencimento em *Língua Materna*", de Nadine Gordimer (*Estação Literária*, 2013), "Alice Childress e *Trouble in Mind* (1955): vozes das mulheres no teatro afro-americano dos anos 50" (*Travessias Interativas*, 2018), "O Totalitarismo Orwelliano e o poder da propaganda" (*Darandina Revisteletrônica*, 2018).

LUZIA APARECIDA BERLOFFA TOFALINI é doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (Unesp-Assis – 2001) e mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (1997), com pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP-2014). É professora associada da Universidade Estadual de Maringá, atuando como professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Letras, na linha de Literatura e Historicidade. Dentre suas publicações estão o livro *Romance Lírico* (*Eduem* - 2013) e os artigos: "E fez-se luz na cegueira" (*Antares*, 2011), "O filho eterno: confluências entre História, memória e ficção" (*Línguas e letras*, 2011), "A primazia do silêncio" (*Fólio*, 2018), "Silêncios e vazios em Jerusalém: relações intertextuais" (*Fólio*, 2018).